

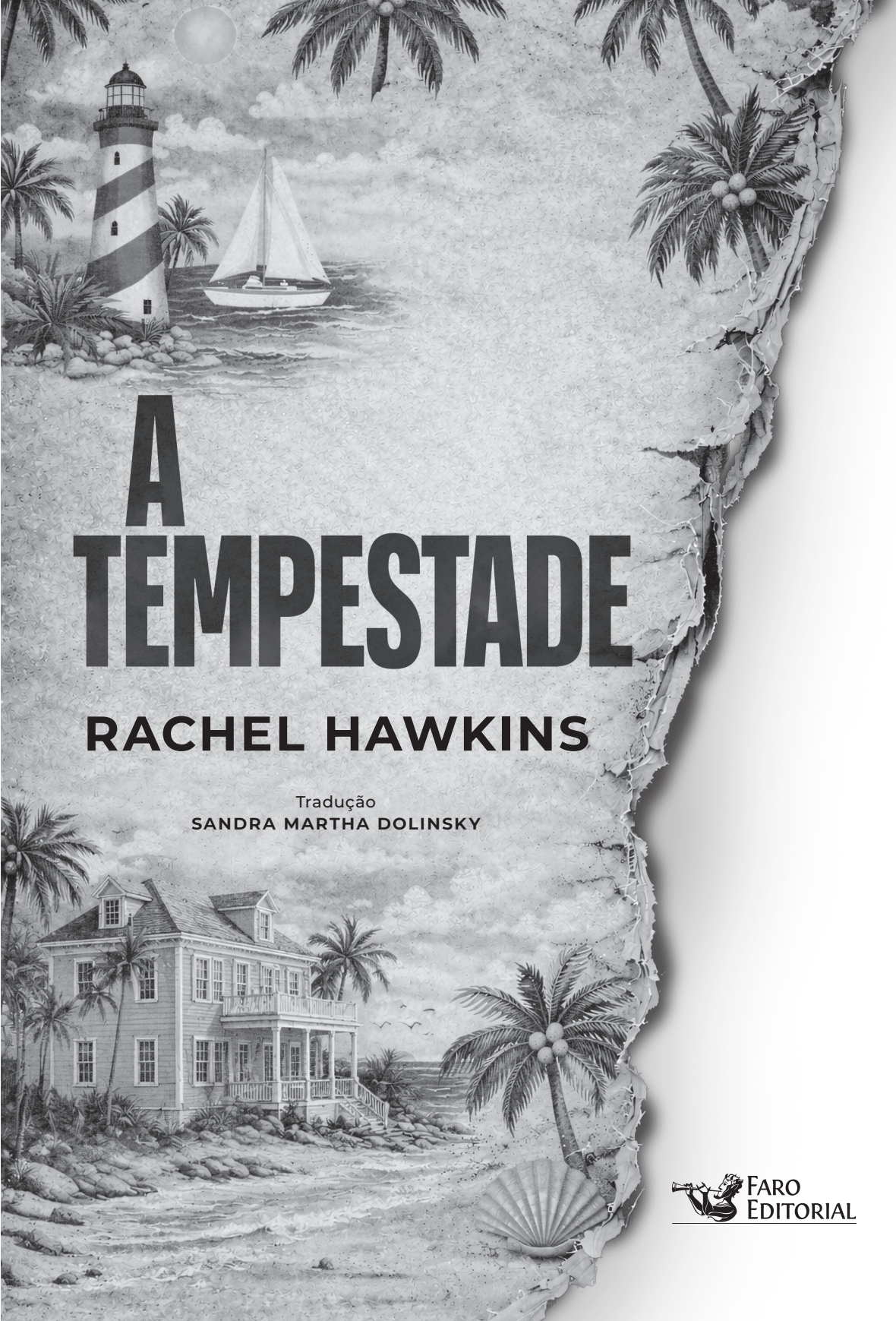


RACHEL HAWKINS

# A TEMPESTADE

*Alguns furacões visitam  
o mesmo lugar... Os piores  
abrem cicatrizes e  
desenterram o passado.*

 FARO  
EDITORIAL



# A TEMPESTADE

**RACHEL HAWKINS**

Tradução  
**SANDRA MARTHA DOLINSKY**

 **FARO  
EDITORIAL**

*Para Sarah Cantin,  
com um mar de gratidão!*

— É pior quando eles vêm à noite.

Parece até uma frase de filme de terror, mas a mulher que disse essas palavras não estava querendo bancar a sinistra ou a enigmática. Pelo contrário, ela foi muito objetiva, falou sobre as forças destrutivas que, nas últimas décadas, mutilaram e assassinaram, roubaram e destruíram, da mesma forma que alguém diria a um turista para não virar à esquerda num semáforo ou que o Walmart da cidade vizinha é melhor.

Muitas pessoas que ganham a vida em St. Medard's Bay são assim, então não é de admirar que Beth-Anne Bailey, dona da maior loja de souvenirs da cidade, falasse de um jeito tão descontraído sobre os quatro furacões letais que devastaram essa joia da costa do Golfo do Alabama, começando com o Delphine, em 4 de julho de 1965, e terminando — por enquanto — com o Marie, em 1984. A primeira tempestade matou o primeiro marido dela, o dr. Linus Bailey. O Marie matou o segundo, Charles, conta ela, antes de esclarecer que ele sobreviveu aos ventos e à água, mas sofreu um ataque cardíaco três dias depois enquanto retirava árvores caídas.

Desastres naturais são assim mesmo: ceifam vidas mesmo depois do ocorrido, como um último susto.

Um monstro que não morre jamais.

Dentro da loja de Beth-Anne Bailey, o ar-condicionado está no máximo e ouve-se Jimmy Buffett pelas caixas de som. O cheiro de plástico barato das boias e câmaras infláveis na vitrine é quase insuportável. Fico observando uma família de quatro pessoas olhando as camisetas de uma arara. O pai, com a pele queimada de sol, gargalha com uma na mão com as palavras "ST. MEDARD'S BAY É DE TIRAR O FÔLEGO!" e o desenho de uma loira peituda tentando segurar a parte de cima do biquíni, com os olhos arregalados e o cabelo ao vento imaginário.

Os furacões já ceifaram a vida de quase cem pessoas na cidade, então a piadinha me parece de muito mau gosto, e isso

deve estar estampado na minha cara, porque a sra. Bailey dá de ombros e diz:

— É assim mesmo.

No fim, os turistas não compram a camiseta, só umas toalhas coloridas, uns brinquedos de praia e um frasco verde de gel de aloe vera. Depois que vão embora, pergunto de novo para a Beth-Anne sobre as tempestades, aquelas que vêm à noite.

— É pior porque está escuro? Porque não dá para ver o que está acontecendo?

Ela dá risada.

— Meu bem, vai por mim, meio-dia, meia-noite, pouco importa, já vi dos dois tipos. Quando uma dessas coisas acontece, a gente não enxerga nada, seja qual for a hora do dia. Não, é pior por causa da espera. Durante o dia, a gente fica pregando tábuas nas janelas, enchendo banheiras com água e checando se tem combustível suficiente para o gerador, e é meio que... como se a gente estivesse se preparando para receber visitas, sabe? Tipo quando a família vem passar o feriado de Ação de Graças ou o Natal e a gente tem que deixar tudo ajeitadinho.

Ela fica em silêncio, com seus olhos verdes distantes por um tempo, e sei que deve estar pensando em todas as vezes que teve que fazer esses preparativos.

— É pior porque a gente começa a ter esperança, sabe? Pensa “Vai que dá certo, quem sabe eu não vá dormir e aí, quando acordar, vou ver que aquela coisa resolveu dar uma voltinha no Mississippi ou foi direto para o oceano, de onde veio”.

Beth-Anne balança a cabeça, suspirando, e ajeita uma pilha de cartões-postais perfeitamente alinhados, exibindo as areias brancas como açúcar e as águas cristalinas e verdes da St. Medard’s Bay. Olhando a foto, me custa acreditar que uma água tão bonita, tão calma, possa causar tanto horror.

— Tornados são terríveis — diz ela. — E eu nunca estive no meio de um, mas acho que terremotos são ruins também. Os tornados simplesmente *aparecem*. E eu sei que temos alertas e cientistas para essas coisas, mas os furacões são diferentes. Eles fazem a gente esperar, deixam a gente com...

— Medo? — pergunto, e ela concorda com a cabeça.

— É isso aí. Eles *brincam* com a gente. A água em que nadamos, onde as crianças brincam, onde bebemos cerveja olhando para o horizonte, tira da gente aquilo que amamos. O vento que a gente sente e pensa: “Nossa, que sorte morar na praia”; que é tão gostoso sentir no cabelo quando a gente dirige com as janelas abertas... os furacões transformam tudo isso naquilo que arranca nosso telhado, leva embora nossos álbuns de fotos, nosso vestido de noiva, a porcelana de nossa avó e, às vezes, a própria avó. Mata a gente com as coisas que amamos, as coisas que nos fizeram sentir tão abençoados por morar aqui. Não acha terrível?

Então me vem a pergunta que não quer calar, por isso a faço:

— Então por que não ir embora?

Beth-Anne Bailey não tolera gente boba, e o olhar que ela me lança demonstra que me considera uma.

— Porque aqui é o nosso lar, querida. St. Medard's Bay é o nosso lar.

*Sol, diversão e 30% de chance de morte: uma cidadezinha na costa do golfo do Alabama e sua instável trégua com a Mãe Natureza (GQ Magazine, abril de 1996)*

## O julgamento de Bailey termina com veredicto inconclusivo

*O promotor Thad Morrison afirma que o caso será julgado novamente, mas especialistas da área jurídica estão céticos.*

Os sinais já estavam ali na quarta-feira à tarde: deliberando desde quinta-feira da semana anterior, o júri do caso Gloria “Lo” Bailey solicitou mais uma vez fotos do laudo da autópsia de Landon Fitzroy, bem como transcrições específicas do depoimento dela sobre os eventos ocorridos na noite de 4 de agosto de 1984. A promotora se mostrava confiante perante a imprensa, mas em conversas privadas, uma fonte do escritório deixou transparecer que “todos esperavam que anunciassem o veredicto de culpada até segunda-feira, de modo que, sem dúvida, há certo nervosismo”.

Outro colega do gabinete do promotor foi mais direto: “Se não estão perguntando se foi ela, e sim se houve *mesmo algum crime ali*, estamos [ferrados]”.

Essas palavras se mostraram proféticas ontem quando, um dia depois de informar ao juiz Simms que não conseguiam chegar a um consenso, o júri anunciou que estava “irremediavelmente dividido”, sem deixar ao magistrado outra opção senão declarar o julgamento anulado.

Em sua declaração em frente ao Tribunal de Mobile County (o julgamento foi transferido do condado vizinho, Baldwin, devido a sua notoriedade local), o promotor público Thad Morrison anunciou: “Embora um júri composto de pessoas da mesma idade da srta. Bailey não tenha conseguido chegar a um veredicto claro sobre o caso, podem acreditar que o estado do Alabama não tem a intenção de deixar impune a responsável pela morte de uma pessoa brilhante como Landon Fitzroy. Pretendemos realizar um novo julgamento o mais rápido possível”.

Mas a professora Linda Nowak, da Faculdade de Direito da Universidade do Alabama, tem suas dúvidas: “Não me surpreende que

este caso tenha capturado tanto a imaginação do público. Temos um político morto, uma linda amante adolescente, um desastre natural de proporções bíblicas... é claro que isso aumenta as vendas de jornais e revistas. Mas, no fim das contas, não se pode nem provar que um crime foi cometido. Sim, Landon Fitzroy foi encontrado gravemente ferido na cabeça, um ferimento fatal, e é evidente que isso aconteceu antes de a água subir, porque ele não tinha água nos pulmões. Além disso, temos uma amante que, segundo todos os relatos — exceto o dela —, estava para ser descartada, e *não* estava lidando muito bem com isso. Posso entender por que isso pode parecer um assassinato para algumas pessoas, mas, como a defesa provou com tranquilidade, o tipo de ferimentos que Landon Fitzroy sofreu não é raro em mortes causadas por tempestades. Em minha opinião, tudo isso está acontecendo porque o governador Fitzroy quer culpar alguém pela perda do filho. E acho que o júri se deu conta disso, então a srta. Bailey é agora uma mulher livre e, francamente, acho que continuará assim”.

O gabinete do governador não fez nenhum comentário sobre o julgamento anulado, bem como nenhum membro do extenso clã Fitzroy, que inclui a ex-miss Alabama Alison Carleton-Fitzroy, viúva de Landon Fitzroy. A sra. Fitzroy compareceu ao julgamento todos os dias, mas não esteve no tribunal quando o veredicto foi anunciado, e fontes próximas a ela afirmam: “Seu único interesse é deixar essa situação sórdida para trás”.

A srta. Bailey, no entanto, parece não compartilhar da mesma opinião.

“Mesmo que leve o resto da vida, Lo vai provar sua inocência”, disse um parente dela que preferiu não se identificar. “E vai por mim, quando essa menina decide fazer alguma coisa, ela vai lá e faz. Que Deus ajude quem cruzar o caminho dela.”

*Press-Register*, 2 de dezembro de 1986

PARA: JSHarrison@HarrisonLiterary.org

DE: HowLo@aol.com

ASSUNTO: [sem assunto]

ENVIADO: 23h39, 19 de abril de 2025

Jack,

Dá para ganhar dinheiro com podcasts?

Obrigada!!

Lo

PARA: HowLo@aol.com  
DE: AFletcher695@gmail.com  
ASSUNTO: Jack Harrison/Consulta podcast  
ENVIADO: 14ho2, 20 de abril de 2025

Senhorita Bailey,

Espero que não se importe que eu entre em contato sem sua solicitação. Meu nome é August Fletcher e sou escritor de textos de não ficção para revistas (*Esquire*, *GQ* etc.). Encontrei sua história há alguns anos enquanto pesquisava para uma matéria sobre furacões no Golfo do México e, após uma breve investigação, descobri que você tinha um agente literário, o Jack Harrison. Entrei em contato com o sr. Harrison, que me disse que havia falado com você no começo dos anos 2000 sobre um livro de memórias, mas o projeto não foi para a frente.

Se não se importar, digo que é uma pena, porque acho que você tem uma história fascinante para contar. Tanto que pedi para o Jack me passar seu contato. Na época, Jack não tinha seu contato atualizado, e o Google não ajudou, daí eu pedi que, caso você reaparecesse, que me avisasse para que pudéssemos conversar sobre a possibilidade de retomar essa ideia de escrever um livro de memórias.

Entendo seu interesse num podcast, ainda mais se considerarmos o atual sucesso que faz o *true crime*, mas, sinceramente, já temos muitos podcasts desse tipo hoje em dia, e eu detestaria ver uma narrativa com tanto potencial se perder em meio a tantas outras. Posso enviar alguns exemplos de meu trabalho para você, ou podemos conversar melhor por telefone.

Afetuosamente,

August Fletcher

PARA: AFletcher695@gmail.com

DE: HowLo@aol.com

ASSUNTO: RE: Jack Harrison/Consulta podcast

ENVIADO: 23h43, 20 de abril de 2025

August! Isso lá é nome de gente? Está mais para nome de MÊS! E pode ser que seja... qual é mesmo aquela palavra difícil que significa "destino"? Vai ver é por isso que você tem esse seu nome, pois foi agosto, claro, o mês em que toda aquela merda aconteceu: 4 de agosto de 1984. Furacão Marie, Landon Fitzroy. Tudo isso.

Enfim, sim, conheci o Jack em 1999, quando eu ainda trabalhava na QVC (vendendo biquínis, caso sua pesquisa não tenha revelado isso). Ele me procurou dizendo que eu tinha uma "voz incrível", e a princípio, pensei que se referia a meu jeito de falar; mas depois ele explicou que não, não era o *som* de minha voz, e sim o *jeito* como eu dizia as coisas. Para ser sincera, ainda não sei bem o que ele quis dizer, mas enfim, Jack achava que eu deveria tentar escrever um livro de memórias, e eu até concordei, mas não me dei conta de que ele queria que *eu mesma* escrevesse a droga da história, rsrs. Foi com sorte que passei em inglês no último ano do ensino médio, daí que escrever um livro era bem fora do meu alcance!

Mas vou ser sincera com você, August. Depois do julgamento, até que me virei bem com os programas de entrevistas e a QVC, apesar de ter sido só por um período, e até com aquele negócio estranho do 0900 que fiz por um tempinho lá pelo ano de 1988, que as pessoas podiam me ligar e perguntar o que quisessem (a maioria era pervertido, mas essa gente também tem cartão de crédito!). E quando o dinheiro acabou, arrumei vários empregos normais — trabalhei como garçõete por um tempo, depois numa boutique bacana em San Diego, fui até professora substituta de teatro na La Jolla, até que um moralista juntou as peças e percebeu que Gloria Bailey era a mesma Lo Bailey acusada de assassinato muito antes de aquelas crianças terem *nascido*.

Enfim, não estou numa fase muito boa, não, até aceitei um emprego de faxineira num asilo (QUE HORROR!!), e uma colega minha, a

Cynthia, me mostrou os podcasts. Ela disse que era o único jeito de aguentar o trabalho, que ouvir outras pessoas passando por situações horríveis podia fazer com que esfregar banheiros parecesse menos trágico, sei lá. Mas eu também comecei a ouvir e me dei conta de que minha história poderia acabar num podcast mais cedo ou mais tarde, e se *alguééééééééém* fosse ganhar dinheiro com a MINHA VIDA, que fosse eu, né?

Foi aí que perguntei para o Jack sobre isso, já que ainda tinha o e-mail dele. E com livro ou sem livro, ele nunca me dispensou como cliente.

Mas gostei da ideia de fazer um livro de memórias COM alguém. Eu conto o que aconteceu, você escreve e a gente divide o dinheiro, né?

Beijinhos!!

Lo

PARA: HowLo@aol.com

DE: AFletcher695@gmail.com

ASSUNTO: RE: RE: Jack Harrison/Consulta podcast

ENVIADO: 5h02, 21 de abril de 2025

Entendo perfeitamente o que Jack quis dizer sobre sua "voz"! E concordo plenamente que você deve contar sua história, com sua própria voz e suas próprias palavras. E sim, seria assim mesmo que funcionaria: você precisaria me conceder algumas entrevistas, talvez gravar algumas cenas e, claro, as palavras seriam todas suas, mas eu ajudaria você a organizar os pensamentos e a estruturá-los numa narrativa.

E que narrativa! Lá estava você, uma menina de cidade pequena acusada de assassinato, e não de qualquer um, do assassinato do *filho do governador*. Um homem que estava sendo preparado para a política não só local, como também nacional. Se as coisas houvessem sido diferentes, quem garante que você não teria sido nossa primeira-dama em algum momento? Mas você foi vilipendiada e caluniada, uma Hester Prynne do século xx com uma camiseta do Duran Duran.

Como eu disse, podcasts vêm e vão e, hoje em dia, já temos uma avalanche de conteúdo. Mas quantas mulheres acusadas de assassinato contam a própria história com as próprias palavras? Isso tem valor.

Você tem valor.

Atenciosamente,

August

PARA: AFletcher695@gmail.com

DE: HowLo@aol.com

ASSUNTO: RE: RE: RE: Jack Harrison/ Consulta podcast

ENVIADO: 01h09, 22 de abril de 2025

August,

Quando a gente começa?

Beijinhos!!

Lo

# 1.

21 DE JUNHO DE 2025

*Faltam 43 dias*

*O ar-condicionado do 217 está quebrado. De novo.*

Não é a melhor mensagem para receber antes das seis da manhã, mas já acordei com coisas piores, tipo:

*Acabei de ver que o patê de atum defumado que a gente comeu ontem à noite estava vencido. DESCULPA!!! 😞*

*Oi, aqui é a Nicole do salão. Duvido que essa mensagem seja para mim, rsrs.*

*Estou de saco cheio de falar sobre isso, Gen. Acabou. Não me procure mais.*

Ainda não apaguei esta última mensagem e de vez em quando a abro de novo. As palavras destoam da foto sorridente de meu ex-namorado embaixo do contato dele. Faz mais de oito meses que o Chris me mandou essa mensagem, e eu respeitei seu desejo, mas por algum motivo, enquanto estou sentada na beirada da cama hoje de manhã, com o nascer do sol tingindo minhas cortinas de rosa e as ondas quebrando suavemente lá fora, meus polegares começam a deslizar pela tela.

*Vai começar a batalha com o ar-condicionado de novo. O 217 continua amaldiçoado.*

Meu polegar paira sobre a seta de enviar, apesar de não ter a mínima ideia do que posso conseguir com essa mensagem, nem mesmo o que eu quero conseguir.

Tá bom.

Não é verdade.

Já sinto o verão chegando, o peso ficando cada vez maior, além do calor e da umidade, e quero que o Chris sinta isso também.

*Era para termos feito isso juntos. Era um sonho nosso.*

O celular vibra em minha mão e, por um instante, prendendo a respiração, penso que ele me sentiu do outro lado da linha, que está na cama dele, do outro lado do país, com saudades de mim, da Pousada Rosalie,

recordando a primeira noite que ela foi oficialmente nossa. Quando bebemos champanhe em copos de plástico sentados nos degraus da entrada, com os dedos dos pés afundados na areia branca e quente.

Mas não, é só uma mensagem da Edie, minha melhor amiga e meu braço direito na Rosalie.

*Geneva, estou com hóspedes suados bem na minha frente e nem são sete da manhã ainda. O cara da empresa de ar-condicionado não atende, e eu não vou conseguir enrolar essas pessoas por muito mais tempo. Venha me salvar ou eu me demito!*

Outra vibração.

*E não vou me demitir “discretamente” ou coisa do tipo. Vou me demitir de verdade, fazendo um escarcéu.*

Sorriso, tirando um pouco do peso das costas enquanto tomo o último gole de café. O sol acaba de nascer, mas já estou acordada faz um bom tempo, com o cérebro a mil, como sempre: *Como arranjar mais hóspedes? Nosso Instagram é ruim? Devo contratar alguém para cuidar das redes sociais? E se contratar, como vou pagar? Por que sai mais dinheiro do que entra? Seria tão ruim assim colocar uma placa enorme de “Vende-se” e deixar tudo isso pra lá? E se eu fizer isso, o que vou fazer depois, já que estourei o limite de todos os meus cartões de crédito tentando manter o negócio de pé? E por que, por que, por que, por que eu deixei o Chris me convencer a vender tudo o que eu tinha e assumir a pousada depois de tudo o que aconteceu com minha mãe, com a enorme hipoteca que já tinha? Meu Deus, como deve ser bom ser o Chris, que lavou as mãos e foi embora porque, para ele, isso aqui não passou de um mau investimento, não um legado familiar a ser preservado.*

Suspirando, abro a porta e saio; o ar úmido e salgado me envolve como um abraço. Todos os proprietários anteriores da Rosalie haviam chamado esta pousada de lar, inclusive meus pais e avós, mas quando eu e o Chris assumimos o negócio, ele ficou aterrorizado só de pensar em *morar* num hotel.

“*Já vi O Iluminado; eu passo*”, ele dizia, e isso sempre me irritou, porque não era nem uma piadinha boa. Uma pousada na praia não era como uma fortaleza aterrorizante no alto de montanhas rochosas cobertas de neve. Não iríamos ficar *presos* ali dentro. Além disso, eu havia crescido ali e sobrevivido.

Ainda assim, acabamos comprando um trailer Airstream e o instalamos na praia um pouco mais adiante, deixando uns pinheiros baixos e raquíticos entre nós e a pousada.

Pois agora só entre *mim* e a pousada.

Para ser sincera, a distância é mais mental do que física. A pousada é grande, pintada de rosa — meu Deus do céu —, daí seria preciso mais do que uns pinheiros tristes para bloquear a vista. Mas me sinto melhor com essa pequena “caminhada para o trabalho” que faço todas as manhãs, com o golfo à minha direita e dunas de areia ondulando suavemente à esquerda. A água está calma hoje, lisa e cristalina como um lago, e vejo um pelicano mergulhar, provocando um barulho estrondoso na água no silêncio do amanhecer.

A praia em frente à Rosalie é pública — minha mãe e meu avô nunca quiseram brigar por isso, sabiam muito bem que a última coisa que se deve fazer numa cidade turística é irritar os moradores locais —, mas a esta hora do dia, está quase sempre vazia.

Hoje, há apenas uma figura solitária na praia, um senhorzinho com calções cáqui manchados de sal, o peito magro nu e meio côncavo, a pele tão bronzeada que parece esculpido em madeira. Tem uma vara de pesca nas mãos ossudas; as ondas batem contra suas panturrilhas, e quando me vê, ele levanta os dedos num aceno quase imperceptível.

— Oi, Capitão!

Com certeza ele tem um nome, mas todo mundo o chama de “Capitão” desde que me lembro, apesar de ninguém na cidade saber se ele foi realmente capitão em algum momento da vida.

— Vai ver ele só usou um chapéu engraçado uma vez, lá em 1973, e daí o apelido pegou — sugeriu Edie certa vez enquanto tomávamos umas cervejas no pátio da pousada. — Estamos no Sul, não é mesmo? Já encontrei um homem de sessenta e quatro anos que era conhecido como Furo só porque havia trabalhado na redação de um jornal. Um jornal escolar. *No ensino fundamental.*

Enfim, o Capitão é uma figura frequente na praia, mas eu nunca o vi pescar nada. Ele me faz recordar o que eu amo neste lugar e que, querendo ou não, sempre foi meu lar.

*Você não assumiu a pousada só por causa do Chris, lembra? Você cresceu nesta praia, tem raízes aqui, conhece as pessoas, os lugares, as histórias peculiares que toda cidade pequena tem. O sonho também era seu.*

E quando me viro e ponho os pés no calçadão de madeira que leva à pousada, arrastando os chinelos na areia que sempre cobre as tábuas, penso que a Pousada Rosalie parece *mesmo* um sonho.

Se eu fosse qualquer outra pessoa, poderia parar e admirar o charme de sua cor — algo entre coral e rosa-chiclete — e os detalhes brancos em

estilo vitoriano que se destacam. Eu poderia sorrir ao ver as cadeiras de balanço no alpendre, os grandes cestos de begônias ondulando suavemente à brisa do mar, o sol da manhã brilhando nas amplas janelas voltadas para o golfo. Poderia pensar que é um milagre que esta construção esteja em pé há quase cem anos, apesar das tempestades que arrasaram outras mais novas.

Mas eu não sou qualquer pessoa. Sou a atual administradora e a mulher que paga todas as contas, o que significa que, em vez de estar aqui nesta linda manhã de junho admirando a visão do legado de minha família, estou vendo que o terceiro degrau que leva ao alpendre está solto e que a tinta das venezianas mais próximas à porta já está descascando, e isso porque foram pintadas no inverno passado. Estou pensando que deveríamos trocar esta porta depois do verão e me perguntando se há espaço no orçamento para contratar outra camareira.

— Amiga, se franzir mais essa testa, não vai haver Botox suficiente em todo o Alabama para te ajudar.

Eu estava tão concentrada na interminável lista de coisas que administrar um lugar como este implica que nem vi Edie no alpendre, com o quadril apoiado no corrimão e uma caneca térmica na mão.

Subo as escadas depressa e ela me entrega outra caneca de café, que estava no corrimão, dizendo:

— Não precisa ter pressa. O cara finalmente atendeu o telefone e deve chegar em uns dez minutos. E eu ainda tinha alguns daqueles cupons de jantar grátis no Camarão & Cia escondidos na recepção, daí consegui acalmar pelo menos o ânimo dos hóspedes que estavam morrendo de calor.

— Eles ainda vão querer o reembolso, pode apostar — digo, suspirando e ouvindo as conchas dos sinos dos ventos bem acima de minha cabeça batendo umas nas outras, emaranhando suas cordinhas delicadas.

— Se pedirem, mande eles falarem comigo — diz ela, arqueando uma sobrancelha com piercing.

Edie é o que as pessoas por aqui chamariam de “uma figura”. Ela apareceu em St. Medard’s Bay há uns três anos, proveniente de Natchez, no Mississippi. É uma dessas mulheres que podem ter tanto trinta e cinco quanto sessenta e cinco anos, quase impossível saber. E mesmo numa cidade tão peculiar quanto St. Medard’s Bay, ela se destaca com seu cabelo colorido — roxo no momento, depois de uma fase turquesa no inverno —, aquele piercing na sobrancelha e sua mania de usar camisas de flanela e calça jeans mesmo quando está um calor infernal.

Conheci Edie quando ela trabalhava no Grindz, um café meia-boca na rua principal de St. Medard, e gostei dela logo de cara. Tanto que ficava uns dez ou quinze minutos a mais toda vez que ia tomar um café lá, e quando ela me disse que estava procurando algo um pouco mais interessante que fazer oito mil lattes gelados para pessoas com aquele visual padrão de turista, eu lhe ofereci um emprego na pousada.

Seu cargo oficial é subgerente, mas como todo mundo que trabalha aqui, ela faz um pouco de tudo. Já atendeu na recepção, cuidou das reservas, buscou o café e os doces que servíamos todas as manhãs para os hóspedes, até lavou um ou dois banheiros. Sério, não sei o que eu faria sem ela.

— Mais algum problema? — pergunto. — A Carla conseguiu tirar aquela mancha de vinho tinto do 121? Ah, e os Bakers responderam ao e-mail? Sei que eles sempre reservam o 211 no feriado de 4 de julho, mas seria bom confirmar a reserva oficialmente.

— Responderam, sim. — Alguma coisa em seu tom de voz faz com que o gole de café que acabei de tomar, delicioso e encorpado, deixe um gosto amargo na boca.

— E?

— *E* disseram que lamentam, mas que a filha deles reservou um Airbnb para toda a família em Orange Beach para o feriado de 4 de julho este ano, mas vão tentar dar uma passada aqui.

Sinto um aperto no peito e a pele gelada apesar da manhã amena. Os Bakers sempre reservam a semana inteira no feriado da Independência. Mesmo com o desconto de fidelidade que dou, são quase dois mil dólares, e eu contava com esse dinheiro no verão. Dois mil dólares que já gastei, para ser sincera.

— Merda — murmuro.

— Antes que você fique muito desanimada por causa disso, chegou outro e-mail ontem à noite — diz Edie, inclinando-se para a frente para brindar com sua caneca na minha. — Dá só uma olhada.

Ela pega o iPad que está numa cadeira de balanço, cuja capa de plástico barata está rachando e a etiqueta atrás com os dizeres “Propriedade da Pousada Rosalie” está descolando.

Abro o e-mail e me detenho um instante na resposta dos Bakers: *Oi, Geneva! Desculpe não ter respondido antes. Mas logo vejo outra mensagem, cujo assunto é Longa estadia para julho.*

Passo os olhos depressa pelo e-mail, quase com medo de ter esperanças.

August Fletcher, escritor da Califórnia, está interessado numa reserva por tempo indeterminado a partir de 1º de julho; não se sabe por quanto tempo, com certeza um mês, mas possivelmente até setembro.

*Setembro.*

Mesmo com o desconto para longas estadias — infelizmente, meu pai gostava muito de dar descontos —, seria uma grana considerável. Suficiente para pagar pelo menos um dos cartões de crédito, assegurar mais alguns meses de minha mãe na Casa da Esperança e ter um pouco de folga no orçamento.

Minha mente ainda está processando os números enquanto passo os olhos pelo restante da mensagem.

O cara, August, está escrevendo um livro; quer saber mais sobre a história local enquanto estiver aqui; quer conversar sobre a pousada e os furacões — especificamente o furacão Marie, de 1984.

Essa parte acaba com minhas fantasias de ter de novo uma boa pontuação de crédito.

No decorrer dos anos, muitos furacões atingiram St. Medard's Bay. Esse é praticamente o motivo de nossa fama, e a Pousada Rosalie tem grande participação nisso: o único edifício à beira-mar que sobreviveu aos ventos e às ondas durante décadas, a estrutura singular que, de alguma forma, continua firme e forte quando a água recua. Pode ser que falte um pedaço do telhado ou algumas janelas, mas está inteiro e em pé, ao passo que outros edifícios, aparentemente mais robustos, se transformaram numa pilha de madeira.

Temos até fotos da pousada, depois das tempestades, emolduradas no saguão, com plaquinhas embaixo indicando: *Furacão Delphine — 1965; Furacão Audrey — 1977* etc.

Mas o furacão Marie...

Foi esse que quase nos derrubou. Claro que não me lembro — eu nasci em março de 1985, meses depois da catástrofe —, mas meu pai falava muito sobre isso. Ele contava que um pequeno veleiro foi parar no pátio e o mastro atravessou uma janela do andar de cima. Que o alpendre foi arrancado, como se um peixe gigante o houvesse engolido e levado para o mar. Que estavam tentando reconstruir a pousada e a vida enquanto jornalistas invadiam a cidade porque uma das vítimas era filho de um político e descobriu-se que ele estava em St. Medard's Bay visitando a amante, uma adolescente da região. Ficaram sem energia elétrica por quase um mês, contava minha mãe, e sem água encanada quase o mesmo tempo, mas as pessoas

só falavam da linda filha de Beth-Anne Bailey, Gloria, e o filho do governador. E que esse governador dizia que tinha dúvidas se o filho realmente havia morrido no furacão.

Até os treze anos, eu não sabia nada disso. Não houve outra grande tempestade em St. Medard's Bay desde o furacão Marie, daí eu nunca tive motivo para pensar nos vários furacões que haviam devastado a região antes. Aliás, eu já tinha passado milhares de vezes pelo monumento de pedra no meio da praça — um gramado que chamamos de “parque” — no centro da cidade e não tinha a menor ideia de que era um memorial pelas pessoas que as águas levaram e as casas que desabaram ao longo dos anos.

Mas, não sei por quê, certo dia de abril de 1998, enquanto atravessava o parque a caminho do sebo, parei no monumento para amarrar o sapato e as palavras gravadas no bronze desgastado me chamaram a atenção.

*Tu dominas o ímpeto do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as fazes aquietar* — Salmos 89:9.

Embaixo, no começo havia as datas 1927, 1934, 1946 e as listas de falecidos; e depois, em 1965, o primeiro furacão que ganhou nome, o Delphine. Mais tarde, descobri que foi porque só começaram a dar nome aos furacões na década de 1950, mas na época fiquei fascinada pelo fato de que todas as tempestades ali citadas tinham nome de mulher.

Delphine.

Audrey.

Velma.

Marie.

Eu era uma criança dramática, a primeira de minha turma a descobrir os livros de bolso de Ann Rule e os de capa dura de Dean Koontz, e achava estranhas aquelas tempestades, aquelas longas listas de nomes embaixo de cada uma.

Voltei do sebo ainda pensando nisso, caminhando pela praia e olhando o mar, tão calmo e límpido que ninguém poderia imaginar que pudesse ser “ímpetuoso”, como dizia aquele versículo bíblico.

Mas sua fúria era grande e veio à tona poucos meses depois, em setembro de 1998. O furacão Peggy não matou ninguém em St. Medard's Bay, mas destruiu aquele sebo que eu tanto amava e estourou as janelas da frente da Rosalie, encharcando todos os móveis do saguão com uma mistura insalubre de água salgada e sabe-se lá mais o quê.

De repente, aquelas fotos na parede do saguão, pelas quais eu passava todos os dias de minha vida, ganharam um novo significado para mim,

e eu as analisei de perto, relacionando-as aos nomes das tempestades naquele monumento.

Todas elas haviam passado pelas catástrofes.

Meus avós com enormes sacos de lixo nas mãos, mas sorrindo para a câmera depois que o Delphine passou, em 1965.

Minha mãe, uma pré-adolescente desengonçada, protegendo os olhos do sol, no alpendre. A Rosalie estava praticamente intocada, exceto por algumas telhas faltando, cortesia do Audrey em 1977.

A passagem do Velma quebrou todas as janelas.

E então, nada. Não havia mais fotos.

Foi quando perguntei a meu pai sobre o furacão Marie e ouvi a história do veleiro e do alpendre, de Gloria Bailey e do filho do governador.

— Estávamos vivendo um filme de catástrofe, mas todo mundo agia como fosse um episódio de *Dinastia* — brincou meu pai no jantar aquela noite.

Mas minha mãe apenas balançou a cabeça, com os lábios apertados, e disse:

— Ainda tenho pesadelos com aquela tempestade, não preciso desses lembretes na parede.

Eu imaginava que o furacão Marie havia sido tão devastador para minha mãe porque ela estava grávida de mim, e isso deve ter sido apavorante. Ela e meu pai eram quase adolescentes, haviam acabado de ficar noivos, estavam aprendendo a assumir o negócio da família dela porque seus pais pretendiam se aposentar e ir morar em Vermont — como aves migratórias ao contrário —, e então quase tudo desabou diante deles. Eu não a culpava por não querer reviver aquelas lembranças diariamente.

Por isso, o acervo de jornais e revistas que encontrei no fundo do armário dela quando a internamos na Casa da Esperança foi uma surpresa tão grande. Matérias do *Press-Register* e do *USA Today*, reportagens da *People* e do *National Enquirer*, tudo, pelo visto, sobre a destruição que o Marie havia causado. Mas a maioria focava mais na morte de Landon Fitzroy e na moça da região a quem o pai de Landon culpava pela morte do filho. A foto dela sempre aparecia nas matérias: Gloria “Lo” Bailey, radiante e bonita como eram as mulheres nos anos 1980, tão loira que fazia os olhos doerem. As legendas sempre faziam questão de destacar sua idade também — apenas dezenove anos —, seu sorriso largo e inocente não dava pistas de que ela estivesse no centro de outro tipo — mas não menos mortal — de tempestade.

A coleção de minha mãe ocupava uma caixa, e eu teria dado tudo para perguntar por que ela guardava um relato tão detalhado de um evento sobre o qual nunca falava. Mas, àquela altura, já não havia como perguntar nada a minha mãe. Daí a caixa foi parar no sótão, junto com todas as outras coisas que compunham a vida dela, coisas que pertenceram a Ellen Chambers Corliss, uma pessoa que ainda está aqui fisicamente, mas que já não está mais presente em mente ou espírito. Categorizei o conteúdo daquela caixa como mais um item da lista de coisas que eu não entendia sobre minha mãe.

E a lista é longa.

Vou clicar em responder sem nem me dar ao trabalho de terminar de ler o e-mail, porque August Fletcher poderia dizer que viria a St. Medard's Bay para escrever um livro sobre a melhor maneira de sacrificar virgens sob a lua de sangue que eu aceitaria seu dinheiro com prazer; mas aí vejo algumas linhas mais para o final.

*Por ser em cima da hora, estou disposto a pagar o dobro do preço normal, que, para ser sincero, é baixo demais para um lugar tão lindo numa localização tão pitoresca!*

Nossos preços são baixos mesmo, muito mais baixos que os cobrados em outros lugares próximos; mais baixos do que cobrávamos até poucos anos atrás. Mas foi a única saída que me ocorreu para manter pelo menos metade da ocupação da pousada durante o verão. Cobramos duzentos dólares a diária, ao passo que outros lugares começam em torno de quinhentos dólares na alta temporada. E quatrocentos dólares a diária para uma estadia sem data definida? Meu coração começa a bater um pouco mais rápido ao ler a última linha do e-mail.

*Sendo sincero, também estou disposto a pagar um pouco mais porque existe a possibilidade de minha presença assustar os moradores locais; quero investigar a morte de Landon Fitzroy, pois há um elemento de true crime no livro (aviso, porque pode ser que você ache esse tipo de coisa de mau gosto!).*

Quase começo a rir. Meu celular está cheio de podcasts sobre *true crime* e vejo *Dateline* direto na televisãozinha de meu trailer. Vou logo me dando conta de que a morte desse Landon Fitzroy até que daria uma boa história. A tempestade, o mistério em torno dos ferimentos, o escândalo com a amante adolescente...

Caramba, pode acabar sendo mais que um livro. Pode ser uma série da Netflix que daria origem a milhares de teorias no Reddit. E onde há fãs de *true crime* pode haver grana envolvida.

Não, eu não acho de mau gosto histórias de crimes reais, mas a pergunta que não quer calar: será que quero que o negócio da minha família fique famoso pela sua ligação com uma morte notória?

Quase dou uma risadinha irônica. Ficar preocupada com a moralidade disso tudo é coisa de quem *não* tem três cartões de crédito estourados e um financiamento de dívida com a Receita Federal. E, mesmo que o livro não dê em nada, o dinheiro que ele está oferecendo pela estadia pode nos ajudar a sobreviver fora de temporada.

Pois é. Depois de meses — anos, na verdade — de notícias ruins, até esse pequeno vislumbre de esperança já é suficiente para mim, e enquanto respondo ao e-mail de August Fletcher, percebo que estou sorrindo.

# **EXCLUSIVO!!!**

## **QUÃO “LO” VOCÊ PODE SER?**

“Delícia sulista” é como a própria Lo Bailey se refere à noite em que conheceu Landon Fitzroy, filho do governador (e **HOMEM CASADO**), num **BAR NADA GLAMOUROSO** na costa do golfo.

A loirona **NEM TINHA IDADE** para beber quando se envolveu com o amado herdeiro da dinastia política do Alabama.

Fitzroy tinha quase o **DOBRO DA IDADE DELA** e era casado com a **ex-MISS ALABAMA**, Alison Carleton-Fitzroy.

Absolvida da acusação de assassinato, **LO-LITA** continua sendo considerada a **VADIA** de St. Medard’s Bay.

A sra. Carleton-Fitzroy está “devastada, **HUMILHADA** e reclusa”, dizem os amigos.

Leia o **RELATO DESCARADO** de Lo Bailey sobre como começou o caso tórrido, baseado em seus **PRÓPRIOS DIÁRIOS**.

*National Enquirer*, 13 de janeiro de 1985

